**APRESENTAÇÃO**

Tales Ab’Saber

Douglas Rodrigues Barros é um escritor que atua tanto na esfera da ficção e do romance quanto da teoria e do pensamento crítico. Com formação em humanidades e filosofia na nova Universidade brasileira – exatamente a que recebeu o influxo reparador social mínimo da tardia política de cotas brasileira, hoje sobre o ataque degradante do neo-obscurantismo anticrítico e anticientífico que grita alto no Brasil, configurando o real devir negro de toda uma instituição social e seus sujeitos... – seu trabalho mantém constante contato, enriquecido pela experiência e com a experiência da crítica, com o mundo popular e o percurso histórico da classe trabalhadora urbana de São Paulo, da qual não oculta fazer parte e se posiciona como narrador emancipado.

Sem perder o contato com as mazelas da violência brasileira sobre a vida do trabalho, buscando investigar mentalidades e modos possíveis de pensar as condições de existência históricas que são franqueadas à classe em seus romances recentes, ele também assumiu e dedicou importante trabalho ao excedente de violência e sentido patológico da vida social que é o circuito de símbolos, práticas e subjetivações que envolvem os descaminhos da clivagem racial, e sua própria racialização da vida, estratégia torpe do poder que duplica e aprofunda a história de recusas dos direitos negados dos pobres, dos pobres negros, em nosso capitalismo, de origem colonial, escravista e antissocial.

Este livro, que também é um debate, apresenta o trabalho crítico do autor junto a uma das suas comunidades políticas, pondo em questão as hipóteses de fundo que movem ações do movimento negro contemporâneo no Brasil e esclarecendo uma diferença significativa sobre o modo e a dinâmica do pensamento desde uma perspectiva fundamentalmente crítica do problema, ou da solução, negra. O livro também é a enunciação de uma política da leitura das potencias sociais e das energias conceituais que envolvem a obra de um grande autor. Ao acatar com precisão o impacto do trabalho teórico de um autor fundamental do campo crítico contemporâneo, Frantz Fanon, que disparou um sem número de movimentos e modalidades de engajamento em todo mundo pós-colonial, e ao reafirmar a constante instabilidade do seu trabalho forte pela superação de toda posição de violência, implicada em seu desmonte dialético da racialização, que só pode ser anticapitalista, Douglas Rodrigues Barros nos mostra como toda uma tradição de compromisso intelectual e critica opera: aumentando a energia radical dos conceitos para a transformação social necessária.

Confiando na universalidade negativa da razão, que deve pesar igualmente, entre a configuração do objeto e a do próprio sujeito no objeto, podemos observar como, para Fanon, de modo muito diferente das fixações imaginárias e “místicas”, como diz Douglas, de parte do movimento antirracista definidor das políticas para os negros de hoje, a fragilidade das falsificações do racismo branco ocidental implica a crítica da falsa integridade da identidade negra, ela também realizada em algum momento neste processo social de distorção e mistificação de tudo.

Demonstrando com clareza, em conjunto com as intensidades subjetivas pessoais do estilo, o modo radical de Fanon encaminhar seu pensamento, constantemente em balanço e movimento que critica a subjetivação racista situando a experiência negra como o outro negativo da falácia da integridade branca, assim revelada, no mesmo movimento que crítica o apego de entificação fixada da própria condição negra, para também ser livre dela, “Lugar de negro, lugar de branco?” repõe em cena a ordem moderna de uma razão em trabalho, única universalidade virtual que não cede diante do terror.

Este trabalho sem pouso da crítica só pode se resolver após desmontar e suspender as camadas de violências e dispositivos ideológicos que deram destino à necropolitica colonial e a autoimagem alucinada de superioridade da Europa branca moderna, bem como os seus efeitos dialéticos na ideia moderna do negro. Assim, ao se suspender o lugar histórico falsificado da violência branca, a sua auto imagem, deve-se chegar à suspensão do lugar determinado desde aí das violências incorporadas à ideia de alguma identidade negra.

Seria este o projeto da superação histórica da violência racial, e seus sujeitos e assujeitados, determinada pela própria história do vínculo de capitalismo colonial escravista mercantil e a formação do presente. Sem temer a vida crítica da razão, tal trabalho não teme a própria cor, e seu lugar sem lugar na ordem branca, evitando qualquer virtual política da paranoia, acentuando o horizonte de emancipação póscapitalista da empreitada.

Assim, implicado humanamente e pessoalmente na intensidade do debate que põe em cena, “Lugar de negro, lugar de branco?” é contribuição renovadora e esperançosa, sem concessões, para a desalienação mais radical ao redor de uma questão premente da contemporaneidade dos últimos 500 anos do processo de terror da expansão mundial do Capital.